



Comentário por escrito do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para o jornal britânico Financial Times, sobre o impacto da crise financeira na sociedade brasileira, em particular nas camadas mais pobres

Publicado em 8 de março de 2009

O Brasil reúne todas as condições para enfrentar a crise e para sair dela fortalecido. Nossa atenção prioritária é para que não haja retrocessos nas conquistas em matéria de emprego e de renda para as dezenas de milhões de brasileiros mais pobres. Esses brasileiros, beneficiados pela retomada do desenvolvimento e pelos programas sociais do Governo, viram melhorar as suas condições de vida ao longo dos últimos seis anos e, com isso, agregaram grande dinamismo ao mercado interno. Graças a esse processo de superação de desigualdades, mais da metade da população brasileira já pode ser considerada de classe média.

Como resposta à crise, estamos empenhados na manutenção dos investimentos públicos, tanto os já previstos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e os de empresas públicas, como a Petrobras, quanto os do programa de habitação popular a ser anunciado brevemente. Esses investimentos têm grande efeito multiplicador na atividade econômica e na geração de empregos. Temos as condições práticas para levar adiante essas iniciativas, já que o Brasil goza de situação fiscal e de um sistema financeiro sólidos, no qual os bancos públicos têm papel fundamental na oferta de crédito, no financiamento de setores como o agronegócio e nos investimentos em infraestrutura e em projetos de desenvolvimento. Ainda no final do ano passado tomamos várias medidas para combater os efeitos da crise na economia real, e demos ênfase à manutenção dos níveis de produção e de emprego de cadeias produtivas com grande capacidade de geração de postos de trabalho, como as do agronegócio, da construção civil e da indústria automobilística. Entre as



medidas posso mencionar as que asseguraram a liquidez do sistema financeiro e também a oferta de crédito para a produção e o consumo, com programas específicos de apoio ao setor agropecuário. Reduzimos ainda os impostos para a compra de produtos como automóveis. A retomada da atividade de alguns setores – como o automobilístico – a partir de fevereiro indica que a ação governamental começa a produzir resultados.

Como consequência dessas medidas e da solidez econômica do País, a diferença, na prática, é que o Brasil entrou na crise mais tarde – apenas no último mês de um excelente ano, como o de 2008 – e tem todas as condições de sair dela mais cedo. Tivemos, até agora, três meses negativos, dezembro, janeiro e fevereiro, mas eu trabalho com a convicção de que, no final do ano, os empregos gerados serão em maior número que os empregos eliminados no Brasil. Por essas razões, continuo otimista com relação a 2009.

(\$31DHKM)